

Apresentação

Não é novidade alguma que a entrevista – técnica ou método central para a prática da história oral – seja um dos recursos mais frequentes na abordagem das artes. Jornalistas, historiadores, memorialistas e tantos outros interessados em aprender mais sobre artistas, momentos e movimentos musicais têm, tradicionalmente, incluído a palavra falada entre suas fontes preferenciais. Isso tanto quanto Giorgio Vasari fez em 1550 ao criar seu livro *Vidas dos artistas* – hoje um clássico, lido, reeditado e cultuado.

Para além do recurso da entrevista, contudo, o campo da história oral tem acumulado uma série de reflexões teóricas e metodológicas – especialmente em sua relação com a memória – que pode contribuir para o adensamento dos estudos das artes. Da mesma maneira, estes podem trazer novos insights (criativos, por que não?) a uma área que vem maturando acerca de si mesma, em um processo natural à medida que alcançou um estágio consistente de desenvolvimento.

O esforço pela consolidação de um espaço onde esses fluxos possam correr de maneira duradoura é recente. Nos últimos anos, nas reuniões científicas da Associação Brasileira de História Oral, tem sido promovido o grupo de trabalho História oral e memória das artes, da cultura e da criatividade. Sua primeira edição ocorreu em São Paulo, em 2011, durante o IX Encontro Regional Sudeste de História Oral, tendo sido coordenado por Heloísa de Araújo Duarte Valente e Ricardo Santhiago, e demonstrando plenas possibilidades de florescimento.

Dois anos depois, a décima edição do mesmo encontro, em Campinas, recebeu o simpósio, com coordenação de Santhiago e Miriam Hermeto. Em 2014, já no XII Encontro Nacional de História Oral, em Teresina, Márcia Ramos de Oliveira e Ricardo Santhiago dividiram a coordenação do grupo, cuja própria realização – viabilizada pela inscrição de um número mínimo, predeterminado de pessoas, que por suposição têm envolvimento prévio com o tema – é já indicativa de sua relevância.

O dossiê aqui apresentado, Memória das artes, artes da memória, surgiu em decorrência dos trabalhos desenvolvidos na terceira edição do grupo de trabalho, reunindo alguns de seus papers mais instigantes e representativos somados a textos submetidos e escritos por autores convidados.

Resguardando as especificidades de seus artigos, o dossiê é dividido em três grandes partes. A primeira delas reúne dois artigos que enfocam a relação entre a memória e as artes visuais. A partir da trajetória de um dos mais expressivos artistas pernambucanos, o escultor Abelardo da Hora, o historiador José Bezerra de Brito Neto analisa em um elegante texto a complexidade do processo de profissionalização dos artistas plásticos em seu estado – um processo delicado no qual a arte pode ser talhada pelo gesto autoral ou pelo mercado, pelos interesses políticos ou pelos modismos em vigor, pela radicalização ou pela síntese.

Partindo de uma única obra – no caso, a fotografia *Pêche au harpon*, ou “pesca de arpão” –, Iara Rolim persegue uma ampliação semelhante. Tendo a profissionalização da atividade fotográfica como o pressuposto para a intensificação da circulação das imagens em Paris, na década de 1930, a autora com competência estuda a trajetória desta fotografia, em sua tripla articulação: documento, arte e memória.

A segunda parte do dossiê abarca três textos voltados àquilo que frequentemente tem sido alcunhado como cultura popular, abordada a partir de casos bem localizados. O fascinante artigo de Livia Nascimento Monteiro é o primeiro deles, e nos leva à festa do Rosário de Piedade do Rio Grande, em Minas Gerais. As múltiplas habilidades da pesquisadora – de se familiarizar com a comunidade, de obter boas entrevistas orais, e de dialogar com conceitos e teorias – permitem com que ela ultrapasse a perspectiva do resgate de tradições e, a partir de entrevistas com três gerações de congadeiros e moçambiqueiros, busque a memória da escravidão e da abolição construída no pós-abolição.

Em seguida, Maria Stella Soares de Paula Mendes aborda a capoeira angola como insider e como outsider: como alguém que pratica a capoeira angola e como alguém que a estuda, do ponto de vista das políticas culturais. Seu campo de observação é o Grupo de Capoeira Angola Irmãos Guerreiro, localizado

Apresentação

no município paulista de Taboão da Serra – uma organização criativa e um território cultural que dialogam e se transformam mutuamente, segundo o entendimento da autora.

As narrações de mulheres sobre sua relação com a dança do Coco são a matéria prima de Camila Mota Farias para o texto seguinte. Em um criativo diálogo entre a dança, os estudos da memória e a cultura popular, a autora dá nota do projeto que conduz no momento, que visa tratar das apropriações contemporâneas do Coco por parte de grupos de mulheres no Cariri cearense, percorrendo temas que passam pela formação desses grupos, as figuras importantes em sua história, os assuntos recorrentes nas letras, entre outros.

Os demais ensaios formam a última parte do dossiê, dedicada à música. Os dois primeiros articulam reflexões metodológicas a temas de pesquisa bem definidos. Para analisar o programa de estreia da dupla de comediantes Alvarenga e Ranchinho na Rádio Nacional, em 1947, Carlos Gianelli escolhe e discute três eixos de ataque: canção, performance e participação do público. Sua análise enfatiza as paródias apresentadas no programa, que aludem a um leque de temáticas, da sátira política à imitação dos estereótipos regionais.

Ricardo Neumann, a seguir, relata como a história oral apresenta-se como um método de grande importância para a exploração e compreensão de uma variedade de materiais oriunda de arquivos pessoais em sua pesquisa sobre a cena musical alternativa em Santa Catarina, nas décadas de 1990 e 2000. O pesquisador – que teve acesso a vinis, fitas demo, CDs, cartazes, fanzines, etc. – de fãs e colecionadores discute a relação entre músicos e público no ambiente digital, as formas de colecionamento e os dilemas da publicização de arquivos pessoais.

Os dois últimos artigos foram preparados pelos organizadores do dossiê. Márcia Ramos de Oliveira, em Pituca/Mozart Régis nas páginas da Revista do Rádio perfila a trajetória do multiartista catarinense Mozart Régis, que atuou por cerca de cinco décadas no rádio, no cinema, na televisão e no teatro. Sua problematização é feita a partir da história do tempo presente e de noções como as de memória e acontecimento. Finalmente, Ricardo Santhiago aborda, no artigo duplo Vidas em canções e outras notas sobre cultura autobiográfica, a faceta musical da cultura autobiográfica de nosso tempo, avaliando o lugar ocupado na memória cultural por canções não ficcionais inspiradas em personagens – uma linhagem que tem como expoentes obras como *Meu nome é Gal* e *Deixei meu matão*, do repertório de Gal Costa e Tetê Espíndola, respectivamente.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Márcia Ramos de Oliveira e Ricardo Santhiago
Organizadores do dossiê